

# A CONCEPÇÃO DA MORTE NO EXISTENCIALISMO DE HEIDEGGER E SARTRE

## *THE CONCEPTION OF DEATH IN THE EXISTENTIALISM OF HEIDEGGER AND SARTRE*

*Roberto Marques Costa\**

**Resumo:** O presente artigo apresenta uma pesquisa bibliográfica básica estratégica e descritiva sobre a morte na concepção niilista da filosofia existencialista de Heidegger e Sartre. A relevância do artigo se pauta na asserção de que a morte é um objeto de pesquisa de suma importância. Ela é fenômeno natural e se apresenta ao indivíduo como uma realidade inexorável e iminente. A morte é vista por muitos como algo temível, ela é complexa e enigmática, contudo, é preciso desafiar a própria complexidade, transcender a realidade e buscar respostas para a angústia do homem contemporâneo. A filosofia existencialista de cunho niilista de Heidegger e Sartre afirma categoricamente que na morte do ser humano, tudo desaparece e não há nenhuma possibilidade de sobrevivência após a morte. Portanto, na teoria destes pensadores existencialistas, a morte é um fato que não encerra nada, além de uma escuridão absoluta. Ela é a finitude de toda a existência humana porque aniquila completamente o ser humano e o reduz ao nada absoluto.

**Palavras-chave:** Morte. Filosofia. Existencialismo. Nada.

**Abstract:** This article presents a basic strategic and descriptive bibliographic research on death in the nihilistic conception of Heidegger and Sartre's existentialist philosophy. The relevance of the article is based on the assertion that death is an object of paramount research. It is a natural phenomenon and presents itself to the individual as an inexorable and imminent reality. Death is seen by many as something fearful, it is complex and enigmatic, however it is necessary to challenge its own complexity, transcend reality and seek answers to the anguish of contemporary man. The nihilistic existentialist philosophy of Heidegger and Sartre categorically states that in the death of the human being, everything disappears and there is no possibility of survival after death. Therefore, in the theory of these existentialist thinkers, death is a fact that involves nothing but absolute darkness. It is the finitude of all human existence because it completely annihilates the human being and reduces him to nothingness.

**Keywords:** Death. Philosophy. Existentialism. Nothing.

### **1. Introdução**

A contextualização histórica do artigo se pauta na Idade Contemporânea, fundamentada na filosofia existencialista de cunho niilista Heidegger e Sartre. O método de pesquisa para a elaboração do trabalho tem como finalidade fazer uma abordagem crítica e qualitativa, por meio de uma pesquisa bibliográfica básica, estratégica com o

---

\* Pós-Graduação em Filosofia pela Faculdade Internacional Signorelli – RJ. Licenciado em Filosofia pela Faculdade Entre Rios do Piauí (FAERPI) – PI. Bacharel em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. MG. E-mail: costaroberto7409@gmail.com.

objetivo de avançar no desenvolvimento do conhecimento científico. Portanto, é um método descritivo de pesquisa, cujo objetivo é analisar e refletir criticamente a teoria filosófica existencialista destes filósofos, no que se refere à problemática da morte que é o objeto de estudo deste artigo. A fonte de pesquisa é secundária baseada e fundamentada em grandes filósofos e pensadores referentes à morte, segundo o existencialismo de cunho niilista. É uma pesquisa qualitativa com procedimento bibliográfico que apresenta e analisa os resultados criticamente, pelo método hipotético dedutivo que é o mais utilizado em trabalho científico descritivo.

A escolha do tema do artigo surgiu através da observação de uma brusca mudança no comportamento do ser humano frente a sua própria morte ou da morte do outro. É preciso pensar como Morin (1970, p. 29): “É impossível conhecer o homem sem lhe estudar a morte, porque talvez mais do que a vida, é na morte que o homem se revela”. Ela é parte integrante da vida humana, é intrínseca à sua existência. É possível pensar que a melhor forma de entender o medo da morte, gerador de angústia, é refletir de forma crítica e existencial sobre a morte como parte integrante à vida para promover uma futura transformação no ser humano.

A morte pode ser tratada como um tabu, porém a melhor forma de refletir existencialmente sobre ela é aceitá-la, porque, como diz o Heidegger, o homem é um ser que caminha para a sua única certeza: a própria morte. A pesquisa convida o leitor a refletir filosoficamente sobre a morte, pois a proposta aqui não é partir do pressuposto de negá-la, e sim de aceitá-la como um fenômeno natural.

O objetivo desta pesquisa científica é analisar, refletir e apresentar reflexões filosóficas sobre a morte na filosofia existencialista. Nesta corrente, analisa-se de forma crítica a teoria dos filósofos de tendência niilista: Heidegger e Sartre. Como estes pensadores concebem e refletem sobre a problemática da morte? Estes filósofos afirmam que a morte é o fim de toda existência, não há nenhuma possibilidade de sobrevivência após a morte. Na teoria deles, quando morre, são apenas os átomos que se separam, é a decomposição de todo o ser na sua totalidade. A morte é o fim de toda a realidade humana, nada do ser enquanto ser sobreviverá após a morte. Nesta perspectiva, a morte representa apenas o término de uma das inúmeras vidas existentes no Planeta. A morte é um fato que não encerra nada, além de uma escuridão absoluta. Ela reduz o homem ao nada absoluto, tudo acaba com a morte, o último suspiro será o fim de tudo. A morte significa a aniquilação absoluta do princípio vital humano.

Heidegger é o filósofo que definiu o homem como um ser para a morte, e esta é uma possibilidade ontológica do ser. Segundo ele, o que caracteriza o homem é o ser para a morte. Isto significa que dentre as diversas possibilidades humanas, há uma que representa a possibilidade da impossibilidade quando esta ocorre, todas as demais possibilidades ficam excluídas. Das possibilidades do ser, a morte é a mais pessoal e intransferível porque o homem é um ser para a morte. Ela é uma possibilidade privilegiada para o homem, enquanto presença no mundo.

O pensamento existencialista de Sartre é a filosofia da total liberdade do homem. Logo, o homem é o responsável pela construção de sua existência e essência. Há historiadores que afirmam certas semelhanças entre a filosofia de Heidegger e Sartre. No artigo, porém, o leitor irá perceber que há vários pontos referentes à morte em que Sartre diverge do pensamento heideggeriano. No que tange à morte, Sartre opõe-se a Heidegger. Sartre considera a morte como uma porta ao nada da realidade humana. Portanto, a morte retira todo significado à vida porque é a aniquilação dos projetos existenciais, é a certeza de que um nada absoluto aguarda o homem, no pós-morte.

## **2. A morte do ponto de vista filosófico-niilista**

Para melhor compreender a discussão sobre a morte na concepção niilista proposto neste artigo é necessário definir o termo niilismo, ou seja, o seu real significado e a sua representatividade defendida por vários pensadores modernos e contemporâneos. Veja a definição no dicionário de filosofia, segundo Japiassú; Marcondes, (2001, p. 140): “Niilismo (do latim “*nihil*”, que significa nada), significa redução ao nada absoluto, não existência, aniquilamento. É doutrina filosófica que nega a existência do absoluto, quer como verdade, quer como valor ético”. Segundo Martin Heidegger, o termo foi empregado pela primeira vez em 1799, pelo filósofo Friedrich Heinrich Jacobi.

Sabe-se que o fenômeno do niilismo teve suas raízes em períodos remotos da história da filosofia, porém é no pós-kantismo que ele começa a ser sistematicamente teorizado como discurso filosófico propriamente dito. É nesse contexto que ele é usado pela primeira vez.

Para Nietzsche, a essência do niilismo está na morte de Deus e nas consequências dessa morte. Segundo este filósofo, o Deus que está morto é o Deus dos cristãos, que representa não só a figura histórica de Cristo, mas o mundo supracosmético em geral, isto

é, os princípios e os fins que estão acima do mundo terreno. O problema do niilismo em Schopenhauer parece, a princípio, necessariamente que está ligado à crítica nietzschiana. Esta aparente necessidade de recorrer ao filósofo Nietzsche se deve a dois fatores básicos: em primeiro lugar pela importância que o conceito irá adquirir na história da filosofia a partir do pensamento do autor de Zaratustra; e em segundo lugar devido à constatação de que o termo niilismo está completamente ausente nos escritos de Schopenhauer.

Segundo o grande pensador Martin Heidegger, Sartre e outros filósofos da tendência niilista a morte é o fim total do homem e de toda a sua realidade psicossomática. A dialética entre vida e morte tem sido a principal preocupação do homem e a base de sua angústia existencial. Na concepção niilista, na morte do ser humano, tudo desaparece, sem a menor possibilidade de sobrevivência após a morte, ou seja, admite em si somente a matéria; esquecendo-se a outra parte de si próprio. De acordo com Bayard (1996, p. 255), “o corpo volta ao pó, e a alma se dissolve no mundo cósmico, no absoluto do nada”. Por esta razão, a finitude do homem moderno-contemporâneo causa-lhe uma tamanha e profunda angústia existencial. Na verdade, Heidegger e Sartre sempre estiveram preocupados com a vida e a existência humana. Por isso, pode-se constatar que em seus diversos escritos, estes pensadores fizeram reflexões sobre a morte. Estes filósofos, assim como outros, concluíram que, à medida que se toma consciência da própria mortalidade, deve-se valorizar a vida e viver intensamente cada minuto e cada segundo, pois cada minuto vivido é um minuto a menos e não um minuto a mais. Porque muitos pensadores entendem que o morrer inicia-se de fato com o nascimento. Assim, quando o bebê abandona o útero materno e começa a enfrentar a dura realidade existencial, já tem a idade suficiente para morrer. Deste modo, a infância morre com a adolescência, a fase adolescente morre com a juventude e esta morre com a maturidade, fase que naturalmente é substituída pela velhice.

Consequentemente, o único futuro certo que o ser humano possui é a morte. A própria psicologia assegura que desde criança já se sabe que a morte é um fenômeno inescapável. Conforme Kastenbaum (1983, p. 21), “a criança de nove ou dez anos de idade sabe que todos no mundo morrerão”. Ou seja, ela tem a consciência da própria morte, por isso quanto mais o ser humano for consciente dessa realidade mortífera, mais aprenderá a viver com maior intensidade o momento presente, buscando assim:

A plena realidade da situação de estar no mundo, sendo parte efetiva dele. Conviver diariamente (presente) com a morte (futuro) permite que as manhãs, as tardes e as noites, sejam momentos de busca do

aperfeiçoamento. As voltas dos ponteiros do relógio sinalizam a passagem do tempo. (GOLDBERG; D'Ambrósio, 1992, p. 69-70).

Sabe-se que só é possível falar em morte dentro do espaço-temporal, uma vez que, o homem existe apenas no tempo. Convicto disto, o filósofo Schopenhauer transmitia a ideia de que o ser humano é o único animal capaz de refletir sobre o trinômio passado, presente e futuro. Seguindo este raciocínio lógico, sabe-se que os segundos dentro deste espaço e tempo, existem para todos, independentes de qualquer raça, cultura, língua ou povos. Contudo, é a maneira de aproveitá-los que diferencia os seres humanos, permitindo que alguns tenham a percepção de como construiu no passado, o seu presente, ponte para o futuro. Desta forma, é necessário viver com intensidade o tempo presente e aproveitá-lo ao máximo possível sempre com o horizonte para o futuro.

Na vertente niilista, a morte humana representa apenas o término de uma das múltiplas vidas que ocupam o planeta. Para quem pensa desta forma, a morte é apenas um ponto final, ou seja, ela não altera nada no modo de pensar e agir humano. Steiger (1998, p. 137) afirma que: “a morte não encerra nada, além de uma escuridão absoluta”. Portanto, após à morte, não existe mais forma de vida; a morte é apenas um descanso das preocupações da vida. Seria o mesmo que afirmar que a morte destrói toda a tridimensionalidade do ser humano: corpo, alma e espírito.

Muitas pessoas alimentaram e ainda alimentam nos dias hodiernos que nada existe depois da morte. Sustentar este pensamento é ser desde já materialista, isto é, existe somente o que se pode ver ou tocar, o que se pode provar cientificamente. Bertrand Russell afirmou diretamente. Desta maneira, acredita-se que quando o ser humano morrer, ele irá apodrecer e nada do seu ego sobreviverá.

Qualquer animal, planta ou homem acrescenta à natureza um acúmulo composto que se transforma em adubo, sem o qual nada poderia crescer; nada poderia ser criado. A morte é simplesmente parte desse processo. Toda a morte, também a morte mais cruel, mergulha na total indiferença da natureza. E a própria natureza iria observar imóvel se destruíssemos a raça humana inteira. (BOWKER, 1995, p. 20).

### **3. Heidegger**

Segundo Heidegger, o simples fato de ser chamado à morte, mas num momento que não se é dado a conhecer, marca toda a vida. Pois, ele afirma que a morte é como um ponto que finaliza toda a frase. Heidegger pertence à corrente existencialista, cujos temas

de reflexão giram em torno do homem e da realidade humana (homem, liberdade, realidade individual e existência humana). Contudo, Heidegger é o filósofo mais alheio a essa perspectiva. Após ler este pensador, percebe-se claramente que o problema fundamental da filosofia é o ontológico, isto é, o problema do ser enquanto ser; e assim, o problema do homem fica subordinado a este problema. Ao descrever o existente que é o homem, ele observa que sua essência consiste em existir, pois esta é a determinação fundamental do que ele chama Dasein (das in-der-welt-sein, o estar no mundo).

Para os filósofos existencialistas, o homem não é um mero objeto. É um sujeito no mundo e aberto ao mesmo. Nesta perspectiva, é a existência do ser humano, como ser livre, que define a sua essência e não a essência humana que determina a sua existência, ou seja, o homem cria a si mesmo.

A filosofia existencialista, mais precisamente a heideggeriana define o homem como '*ser para a morte*'. Neste sentido, a morte é um horizonte que confina todo agir humano, cada ente querido que morra machuca a vida. Desta forma, se pode dizer que mais opressora que a morte física é a morte existencial.

Esse coeficiente de limitações que onera todas as nossas ações. A cada momento, experimentamos que nossas realizações ficam muito aquém de nossas possibilidades, nossas conquistas nunca atingem nossos anseios. O homem é uma existência que precede a essência. É um projeto que nunca se consuma. Um abismo que nunca se plenifica. É uma ânfora sem fundo perpetuamente aberto. É uma eterna inspiração insatisfeita de uma eterna beleza mais perfeita que define o sentido de viver. (TERRA, 1995, p. 58).

Por conseguinte, considera-se que é exatamente essa tensão entre vida e morte que define existencialmente o homem. Ele é a única criatura racional capaz de problematizar a morte como dimensão existencial do ser. Seguindo a lógica humana e o pensamento de Heidegger, o homem é um ser para a morte, um ser para a finitude, da qual não se tem volta. Desta realidade iminente, ninguém se escapa porque quando se nasce já se tem a idade suficiente para morrer. No decorrer da história da filosofia, muitos pensadores trataram explicitamente a respeito da morte, ou seja, a discussão sobre a morte está na raiz de toda cultura e nação, mesmo quando não se discute diretamente sobre ela. A morte se situa no horizonte de toda a reflexão filosófica. O filósofo Montaigne dizia que filosofar é aprender a morrer. Se a filosofia é uma das formas da transcendência humana pela qual se reflete a respeito da existência, a discussão sobre ela não lhe pode ser estranha. A morte como parte da vida é, de fato, ponto de partida para a construção de

uma teoria filosófica.

Ao percorrer a história da filosofia, constata-se que o filósofo Heidegger é quem transmitiu como legado que o homem é um ser para a morte e que esta é uma possibilidade ontológica do ser. Segundo ele, a morte é uma possibilidade privilegiada para o homem, enquanto presença neste mundo. Pela sua racionalidade, o homem é o único ser que sabe de si mesmo, que sabe que é presente neste mundo e que tem consciência de sua própria existência. Por conseguinte, ele conhece a si mesmo como um ser que caminha para um fim existencial, isto é, ele sabe que é um ser que caminha para a morte.

A morte é uma possibilidade ontológica que a própria presença é impendente em seu poder ser mais. Nessa possibilidade, o que está em jogo para a presença é pura e simplesmente seu ser no mundo. Sua morte é a possibilidade de poder não mais estar presente. (HEIDEGGER, 1989, p. 170).

Para ele, é através da essência ontológica que se determina a essência da morte, ou seja, a morte humana é um caminho para a descoberta do ser. Ela pertence à estrutura fundamental do ser humano, não é uma possibilidade distante, contudo presente; o homem está sempre nesta possibilidade. Todo ser humano nasce condenado a morrer. É a única coisa que nem o dinheiro, nem o poder poderão desviar. Poder-se-ão, às vezes, adiá-la; porém, a sua chegada antes ou depois é certa; é inelutável tanto para os poderosos como para os miseráveis. Na morte, o homem conquista a totalidade da sua vida. Enquanto ela não chega, falta ainda ao homem algo que ele pode ser: o fim. O homem angustiado tenta esconder e rejeitar o caráter próprio do seu ser, isto é, a sua sujeição à morte. Segundo o pensamento Heideggeriano, a morte não vem de fora, ela é intrínseca à existência humana, por isso o homem começa a morrer no momento em que ele começa a viver. Portanto, toda a angústia do homem é a angústia da morte, pois dizer que a morte é o fim da vida significa dizer que a vida é um ser para o fim, ela é destinada à morte. O ser humano caminha para a morte passo a passo: morre a cada dia e a cada minuto.

O pessimismo diante da morte chegou à sua expressão mais forte no existencialismo. Para este, a angústia é uma forte presença na vida humana. E toda a angústia, de certa forma, está vinculada à angústia da morte. Afirmava Heidegger (1989 p. 172): “o arrepio da angústia corre incessantemente através do ser humano. O homem passa do nada para o nada e a vida presente não tem sentido; de onde se origina no existencialismo”.

Heidegger dizia que só o homem autêntico enfrenta a angústia (que surge com o

confronto do indivíduo com o nada) e assume a construção da sua vida. Por conseguinte, ele próprio assinala que só diante da morte é que o homem adquire um autêntico sentido do ser e da realidade humana. Pois, a vida do homem, ou o seu ser autêntico, é definido por seu ser para a morte (essa é uma das mais frequentes citações, porém a menos compreendida no pensamento moderno-contemporâneo). Segundo o pensamento dele, o homem inautêntico foge dessa angústia, refugia-se na impessoalidade, nega a transcendência e repete os gestos de todo o mundo nos atos cotidianos.

### *3.1. O homem é um ser para a morte*

Assim, fala Heidegger (1989, p. 50): “o ser para a morte é essencialmente a angústia”. A morte é a única certeza do *dasein*. A angústia não tem um objeto próprio, ela apenas surge do não ser. No pensamento de Heidegger, a angústia tem origem diversa da liberdade. Para ele, a angústia resulta da falta de precariedade da base da existência humana. A existência humana é algo temporário: está entre o seu nascimento e a morte, o homem experimenta a finitude da sua existência. Todas as coisas supérfluas, todas as entidades que o homem estava mergulhado, se afastam deixando-o livre para encontrar com a sua própria morte. O homem está à morte sempre, esta possibilidade de morrer está em potência próxima de morrer, está exposto à morte; e é justamente isso o que quer dizer *Sein Zum Tod*.<sup>1</sup> De acordo com Heidegger (1989, p. 179), “a morte é a maneira de ser que a realidade humana assume desde que passa a existir. Tão logo um homem começa a viver já é suficientemente velho para morrer”. Este pensamento de Heidegger exprime bem a condição da existência humana: o homem é um ser que sabe que irá morrer, porque na sua perspectiva da morte, ela invade toda a existência humana. De todos os seres vivos, o homem é o único que pode simbolizar antecipadamente a sua própria morte, mesmo sabendo que ela causa-lhe horror e não queira encarar nem mesmo sua perspectiva.

Para Heidegger (2006, p.337), o ser-para-a-morte em si mesmo não pode fugir da possibilidade mais própria e fatal. A morte, enquanto possibilidade, está em um tempo para chegar, no qual, o passado é o fundamento ontológico para o futuro.

O ser para a morte é o ser da angústia; ela é indeterminada, por isso é uma ameaça. A morte é um aviso de que existe um fim em tudo o que se faz. Contudo, ela não é uma

---

<sup>1</sup> Estar aberto à morte, estar nessa possibilidade próxima, real e eficaz (BOEMER, 1985, p. 12).

cessação da vida, e sim um modo de ser que afeta o *Dasein*<sup>2</sup> enquanto ser vivente. O seu fim é a morte: outro abismo do nada. Diante da morte do outro, a pessoa dialoga e pergunta a si mesma por que está no mundo para um dia findar-se? O fato de estar perto do morto não significa estar perto da morte. De acordo com as ideias de Heidegger, a morte é um fenômeno da vida. É através dela que o *Dasein* transcende os momentos mais difíceis da vida. Apenas o homem que se angustia por temer a morte, atinge a totalidade de seu ser no mundo.

Para os filósofos da existência, a morte é uma dimensão da completude do Ser-aí.<sup>3</sup> O *Dasein* ou o Ser-aí<sup>4</sup> chega à compreensão da sua totalidade e da significabilidade de si mesmo que é inseparável da integridade, quando o ser-aí se depara com a possibilidade de não-ser mais-aí. Seguindo o raciocínio de Heidegger (1989, p.187-189), o primeiro encontro com o fenômeno da terminabilidade do ser-aí se dá na presença da morte dos outros, porque ser é ser-sempre-com-os-outros. O ser para a morte de cada um é importante para o ser existindo no mundo e esta é uma condição intransferível. A compreensão do fenômeno da morte, como destino de cada um de nós, implica em assumir o discurso heideggeriano. A análise da morte é uma importante interpretação que Heidegger faz do Ser-aí, a morte não é um ponto final na existência, porém ela como possibilidade atravessa sua existência.

Heidegger afirma em sua obra *Ser e Tempo* que a morte é uma possibilidade ontológica, na qual, a presença sempre tem de assumir, isto é, analisa a morte humana como um caminho para a descoberta do ser.

Se enquanto essa possibilidade, a presença é para si mesma, impendente, é porque depende plenamente de seu poder-ser mais próprio. Sendo impendente para si, nela se desfazem todas as remissões para outra presença. Essa possibilidade mais própria e irremissível é, ao

---

<sup>2</sup> *Dasein* é um dos termos essenciais em *Ser e Tempo*. Ele pode ser simplesmente definido como uma entidade que tem consciência do significado de sua própria existência. Em termos práticos, isso significa que o ser humano é *Dasein*, já que, sem dúvida, há outras formas de vida no planeta. Por exemplo, argumenta-se que nenhum outro animal enterra seus mortos. O *Dasein* é sem fundo, é abissal, na medida em que a fundamentação a que ele remete é pura possibilidade. A consciência que o *Dasein* tem de que vai morrer, de que pode falecer a qualquer momento, significa que o 'morrer', a atitude do *Dasein* com relação ao morrer ou o fato de 'estar a caminho de / caminhar para' sua própria morte impregna e molda toda a sua vida. Uma vida sem a perspectiva da morte seria uma vida de perpétuo adiamento. O *Dasein* é um ser para a morte. Heidegger usou esse termo para designar a existência própria do homem. (INWOOD, 2004, p. 86 e 87).

<sup>3</sup> Esse termo é usado no significado específico estabelecido por Heidegger, como ser do homem no mundo. Esse aí é o mundo concreto, cotidiano e, portanto, ser humano é estar imerso no mundo; ser- no- mundo é ser-com-os- outros. (INWOOD, 2004, p. 87).

<sup>4</sup> O termo alemão *Dasein* pode ser traduzido literalmente por ser-aí. Optou-se pelo uso da tradução literal para o Português e não pela expressão 'presença' traduzida por Márcia de Sá Cavalcante da Editora Vozes.

mesmo tempo, a extrema. Enquanto poder-ser, a presença não é capaz de superar a possibilidade da impossibilidade da morte. A morte é, em última instância, a possibilidade da impossibilidade absoluta da presença. Desse modo, a morte desentranha-se como a possibilidade mais própria irremissível e insuperável. Como tal, ela é uma impendente privilegiada. Essa possibilidade existencial funda-se no fato de a presença estar, essencialmente, aberta para si mesma e isso no modo de preceder-a-si-mesma. Esse momento estrutural da cura possui sua concretude mais originária no ser-para-a-morte. O ser-para-o-fim se torna, fenomenalmente, mais claro como ser-para essa possibilidade privilegiada da presença. (HEIDEGGER, 1989, p. 32-33).

Perante esta reflexão de Heidegger sobre a morte, nota-se que ele a considera como uma possibilidade da presença, na qual, o morrer humano é a presença para sua própria morte, ou seja, deixando-se de viver. A morte nada mais é do que uma extensão indefinida da existência do seu ser no mundo, onde o ser humano é apenas um projeto desse mundo para projetar-se como uma possibilidade inevitável. Portanto, para o homem contemporâneo, o seu ser no mundo é o ser que está em relação com o fim. Fim este que se inicia, de fato, no momento de sua própria existência.

Heidegger, profundamente preocupado com a questão do ser do homem, analisa a morte enquanto possibilidade concreta da existência humana. No pensar heideggeriano, a morte é a pedra angular da análise do homem enquanto ser-aí, pois qualquer tentativa para considerar a existência como um todo, se leva à morte. Das possibilidades do ser, a morte é a mais pessoal, a mais ímpar e intransferível, pois, o próprio ser do Ser-aí é um ser para a morte. É única possibilidade existencial que nenhuma escravidão pode tirar do homem, isto o leva a viver numa atitude de fuga constante da existência que é, fundamentalmente, uma existência para a morte. Defrontando-se com a morte como possibilidade que pode ocorrer a qualquer momento, o Ser-aí pode enfrentar-se com ela. Tendo diante de si a possibilidade da morte, possibilidade essa do seu lançamento no mundo, o Ser-aí está em angústia. O filósofo lembra que a angústia é assumir a proximidade do não ser potencial de seu próprio Ser.

Na cotidianidade do ser para a morte, o homem é capaz de conhecer sua presença no mundo e comportar-se com ela própria. Isso porque, a partir do momento em que o homem toma conhecimento da sua existência, ele confronta-se com a sua finitude, isto é, a sua própria morte. Ele tem consciência que sua existência é indeterminada e que somente será completa quando, de fato, vier a morte. Por isso, diz-se que ele é o único ser que está preparado para a morte, pois dentre todos os animais, ele é o único que faz uso da sua própria razão. Logo, ele tem consciência de sua própria morte. Essa consciência

implica que o homem pode preparar-se para a morte, suportá-la e aceitá-la como um fenômeno natural e não como um acidente como afirma Simone de Beauvoir. Enquanto que, para os outros animais irracionais, a morte é apenas um processo biológico e puramente mecânico. Portanto, os animais irracionais não têm consciência da morte, pois só o homem é espírito, consciência pensante, vontade e liberdade. Conforme afirma Sciacca (1977, p. 224), “entre todos os seres viventes, somente o homem tem consciência de morrer (se ela lhe faltasse, o problema de sua imortalidade nem se quer surgiria); somente o homem morre, enquanto todos os outros seres perecem”.

O homem em Heidegger é um ser para a morte, pois como já foi mencionado antes, o problema fundamental da filosofia é o problema do ser. Ao analisar o ser do homem no mundo, Heidegger diz que o homem ao desligar-se das curiosidades superficiais percebe-se que seu ser está dirigido à morte. É nesse sentido que se pode considerar o homem como ser para a morte.

O próprio fato de pensar na morte já determina o homem como um ser para a morte. Afirma Heidegger, (1989, p. 36), “no domínio público, pensar na morte já é considerado um temor covarde, uma insegurança da presença e uma fuga sinistra do mundo. O impessoal não permite a coragem de assumir a angústia com a morte”.

Na morte, o homem alcança o fim da sua totalidade, pois a morte significa não mais estar presente, o que Heidegger chama de ‘não mais ser no mundo’. Por consequência, morrer significa sair do mundo para o nada, para lugar algum, porque com a morte tudo acaba. A morte é uma realidade que todos enfrentarão, pois ninguém duvida que se morre. Pois, a morte é um acontecimento natural que cada um deve enfrentar por conta própria. Ninguém pode assumir a morte do outro, ninguém é capaz de morrer a morte do outro. Cada indivíduo tem que morrer a sua própria morte. Heidegger diz que a morte não pode ser experienciada por outro; ela é pessoal e acontece dentro da existência de cada ser humano. Não há como escapar da morte ou transferir para o outro o ato do morrer. Por uma causa maior, o indivíduo pode morrer no lugar *de* outro; não no lugar *do* outro, porém isso não significa que o outro esteja livre da morte. A morte só acontece uma única vez na sua individualidade, porque o ser é para a morte. Portanto, ela é experimentada diariamente, minuto a minuto. A morte é a experiência mais intransferível do ser humano. Jamais, se pode experimentá-la de forma alheia. Por maior que seja o sofrimento diante da agonia de morte do outro, mesmo de uma pessoa que se ama, essa morte, ainda, não é a sua morte. A morte é o aniquilamento do ego, o extermínio total do indivíduo, por isso ele a teme e angustia-se perante ela.

Ninguém pode assumir a morte do outro. De certo, pode-se morrer por outrem. No entanto, isso quer dizer sempre: sacrificar-se pelo outro numa coisa e causa determinada. Esse morrer, portanto, jamais pode significar que o ser-do outro lhe tenha sido, de alguma maneira retirada. Cada presença deve, ela mesma e cada vez, assumir sua própria morte. Na medida em que a morte é essencialmente e cada vez minha. É de fato, significa que uma possibilidade ontológica singular, na medida em que coloca totalmente em jogo o ser próprio de cada presença. No morrer evidencia-se que ontologicamente, a morte se constitui pela existência e por ser cada vez, minha. (HEIDEGGER, 1989, p. 20).

O fenômeno da morte é interpretado como um ser para o fim, a partir da construção fundamental da presença. Por isso, a morte não é algo distante, mas ao contrário, é uma realidade iminente, pois ela pertence à estrutura fundamental do homem. Todos os dias, muitos passam pelo processo de morrer, porque a morte é um fenômeno natural que faz parte do cotidiano da existência humana. Neste sentido, o morrer deve ser compreendido e interpretado como um fenômeno natural, assim como o nascer, o crescer e o envelhecer. Desde sempre, estas realidades são inerentes à existência humana, porque todos os dias nascem e morrem pessoas.

Esse ou aquele, próximo ou distante, morre. Desconhecidos morrem dia a dia, hora a hora. A morte vem ao encontro como um acontecimento conhecido, que ocorre dentro do mundo. Como tal, ela permanece na não surpresa, característica de tudo aquilo que vem ao encontro na cotidianidade. (HEIDEGGER, 1989, p. 35).

A vida humana, de certa forma, afirma uma espécie de certeza da morte. Por conseguinte, quando alguém diz ao moribundo que este escapará da morte, essa é apenas uma tentativa de tranquilizá-lo e consolá-lo, pois ele próprio sabe que seu organismo não tem mais resistência para sobreviver. Ele mesmo tem consciência de que a morte é uma realidade iminente e desta possibilidade mortífera, ele não se escapará.

Ao finalizar o pensamento do existencialista Heidegger, entende-se que o ser para a morte no sentido próprio do termo significa uma possibilidade existencial da presença. Na verdade, o ser para a morte é caracterizado como ser para uma possibilidade, ou melhor, para uma possibilidade da própria presença. Visto que, segundo Heidegger (1989, p.47), “a morte é a possibilidade mais própria da presença”.

#### **4. Sartre**

Sartre é um expoente do existencialismo. A ideia central de todo o pensamento existencialista é que a existência precede a essência. Isto significa que primeiramente o homem existe, se autodescobre, surge no mundo, depois se define como o ser enquanto ser. O indivíduo primeiramente existe e com o passar do tempo, ele adquire sua essência. Por conseguinte, a essência humana só aparece como decorrência da existência do homem. No existencialismo sartreano, a existência de Deus não é uma garantia de uma essência humana pré-definida, ou seja, o homem deve produzir sua própria essência. O homem em Sartre, primeiro é nada. Só a partir de sua existência é que ele vai modelar sua essência. Portanto, Deus não é absoluta transcendência, porque esta se dá no campo do fenômeno. O seu pensamento filosófico é a total liberdade do ser humano. Por ser livre e consciente, o homem é responsável pela construção de sua existência e essência.

Sartre foi um filósofo extremamente ateu. Com bastante humor, o próprio Sartre (1997, p. 675) disse: “sou maníaco de Deus, que via em toda a parte sua ausência e que não podia abrir a boca para pronunciar seu nome”. Sartre proclamava com grande intensidade e prazer que Deus está morto. Para se certificar disso bem claramente, basta ouvir as velhas expressões do filósofo que não conseguia encontrar uma linguagem nova para afirmar o teísmo de seu ateísmo. O próprio Sartre (1997, p. 677) dizia “hoje Deus está morto, mesmo no coração do crente, e a arte torna-se uma antropodiceia; ele faz crer ao homem que o homem criou o mundo, apresenta-lhe sua obra e o justifica por tê-la feito”.

##### *4.1. O absurdo da morte em Sartre*

A morte não apresenta nenhum significado para a vida humana. No pensamento filosófico de Sartre (1997, p. 661), “a morte jamais é aquilo que dá à vida seu sentido: pelo contrário, é aquilo que, por princípio, suprime da vida toda significação”. É sobre a revelação histórica que a filosofia contemporânea construiu o edifício do absurdo. A história do absurdo se preparava também para a filosofia do absurdo. Infere-se, portanto, que a filosofia do absurdo e do nada faz uma espionagem desde cedo sobre todos os ateísmos existentes. Para chegar a essa conclusão, basta aceitar as exigências da própria lógica.

Os historiadores existencialistas costumam afirmar certas semelhanças que existem entre a filosofia heideggeriana e sartreana, entretanto há vários pontos em que Sartre separa-se radicalmente do pensamento de Heidegger. O sentido que a morte reveste ao homem é uma das questões que Sartre se opõe ao ponto de vista sustentado por Heidegger. O jogo de escamoteação utilizado por Heidegger, ao afirmar que a morte tem o poder de conferir individualidade do “ser-aí”, é, portanto, segundo Sartre, fácil de detectar. Sartre questiona como ele pode provar que a morte possui esta individualidade e o poder de conferi-la. De acordo com Sartre (1997, p. 662), “certamente se a morte é descrita como minha morte, posso esperá-la; é uma possibilidade caracterizada e distinta. Porém, a morte que me atingirá será a minha morte”? Neste ponto, a crítica de Sartre provém sobre o pensamento filosófico de Heidegger que diz que a morte é uma coisa que ninguém pode fazer pelo outro. Segundo Sartre (1997, p. 654-655), “há evidente má fé nesse raciocínio, pois se considerar a morte como possibilidade última e subjetiva, acontecimento que não concerne ao Para-si, é evidente que ninguém pode morrer por mim”. Daí, segue-se que nenhuma das possibilidades tomadas desse ponto de vista, pode ser projetada por outro. Por conseguinte, neste mesmo raciocínio, considera-se com absoluta convicção de que o amor, como tal, é como a morte: próprio, insubstituível e único. Conforme Sartre (1984, p. 8), “ninguém pode amar por mim”.

A morte é um tema impossível de ser posto de lado. Deve-se debruçar sobre ela e trazê-la como ponto de reflexão filosófica e como objeto de pesquisa para a sociedade contemporânea. Por esta razão, ela é também objeto de atenção para os filósofos existencialistas. A morte tem sido sempre considerada, com ou sem razão, o final da vida humana. Por isso, era necessário que uma filosofia se preocupasse em tomar uma posição a respeito. Veja a concepção dos filósofos existencialistas niilistas sobre a morte.

Considero a morte como uma porta aberta ao nada de realidade humana. Sendo esse nada, além disso, a cessação absoluta de ser ou a existência em uma forma não humana. Assim podemos dizer que – em correlação com as grandes teorias realistas houve uma concepção realista da morte, na medida em que esta apareceria como contato imediato com o não humano; com isso, a morte escapava ao homem; ao mesmo tempo, que o moldava com o absoluto não humano. A morte é o fim da vida; já não há outro lado da vida, e a morte é um fenômeno último da vida. (SARTRE, 1997, p. 652).

Como já foi dito em Heidegger, a morte é a última possibilidade do ser humano. Na teoria sartreana, a morte é o fim de todas as possibilidades do homem, ela concretiza

um retorno ao nada absoluto. A morte retira todo significado à vida, pois ela é a ‘*nadificação*’ de todos os sonhos e projetos, a certeza de que um nada espera pelo ser humano, isto é, ela é uma dimensão do absurdo. Desta forma, quando a morte se aproxima, ninguém quer morrer. Segundo a visão existencialista, na morte, o homem passa do nada ao nada absoluto. A morte não pode ser captada como possibilidade, mas como ‘*nadificação*’ de todas as possibilidades; *nadificação* esta, que não faz parte de nenhuma possibilidade existencial. Assim, a morte, em Sartre, não pode ser possibilidade própria, não pode sequer ser uma das possibilidades. Logo, Sartre (1997, p. 658) “afirma que a morte não é minha possibilidade de não mais realizar presença no mundo, mas uma *nadificação* sempre possível de meus possíveis, e que está fora de meus possíveis”. A morte é encarada como *nadificação* dos projetos e dos atos humanos. Ela não dá significado à vida, ao contrário, é um acontecimento que lhe retira qualquer sentido.

Com efeito, na medida em que é a *nadificação* sempre possível de meus possíveis, a morte está fora de minhas possibilidades, e, por conseguinte, eu não poderia esperá-la, ou seja, arremessar-se rumo a ela como se fosse rumo a uma de minhas possibilidades. Portanto, a morte não poderia pertencer à estrutura ontológica do Para-si. O Para-si surge como *niilização* do em-si e esta *niilização* se define como projeto para o em-si e entre o em-si *niilizado* e o em-si *projetado*, o para-si é nada. Assim o objeto e fim da *niilização* que sou é o em-si. Logo, a realidade humana é o desejo do Ser-em-si. (SARTRE, 1997, p. 667-668).

Assim, Sartre conclui contra Heidegger que a morte está longe de ser uma possibilidade própria, pois ela é um fato contingente e pertence à facticidade.<sup>5</sup> No entanto, a morte é um fato. Como o nascimento, ela chega de fora e transforma o homem em lado de fora, isto é, a morte vem ao humano do exterior. Ela revela o caráter absurdo da própria existência, porque interrompe todo o projeto existencial, toda a liberdade pessoal e todo o significado da vida. Neste sentido, é absurdo que se tenha nascido, é absurdo que se tenha que morrer, pois esse absurdo apresenta-se como diz Sartre (1997, p. 670) “alienação permanente de meu ser-possibilidade, que já não é mais minha possibilidade, mas a do outro. É, portanto, um limite externo e de fato de minha subjetividade”!

A sabedoria cristã recomenda que se deva preparar para a morte, como se esta pudesse sobrevir a qualquer hora. Sartre opõe-se completamente a esta asserção dizendo que isso são conselhos mais fáceis de dar do que de ser seguido. Pois, diante da morte,

---

<sup>5</sup> No existencialismo sartreano, conjunto de circunstâncias factuais, cuja absoluta contingência dissolve as verdades e as fundamentações ordinárias para a existência humana, o que determina por conduzi-la à liberdade.

nada se pode fazer. Neste sentido, torna-se praticamente impossível preparar-se para a morte e assumi-la como parte integrante do projeto de vida. No máximo, o que se pode fazer é esperar determinada forma de morrer (suicídio, martírio e enfermidade), mas não a morte como tal. Ele nega à morte um espaço na existência humana e insiste em acentuar o absurdo da morte. Na concepção de Sartre (1997, p. 67), “a morte não é uma experiência minha, mais que as outras. Além disso, a morte não pode, de jeito nenhum, ser esperada. Porque ela não é senão a revelação da absurdidade de toda a espera, mesmo justamente da espera dela mesma”. No pensamento sartreano, a morte de forma alguma pode ser esperada, a não ser que o indivíduo esteja condenado à morte; aí sim, ela virá iminentemente. No entanto, em primeiro lugar, é necessário distinguir dois sentidos do verbo esperar.<sup>6</sup> Para Sartre (1997, p. 656), “expectar a morte não é esperar a morte”. Por consequência, de fato, o homem tem todas as chances de morrer antes de ter cumprido sua própria tarefa, ou ao contrário, de sobreviver a esta.

Na linguagem sartreana, só se espera um acontecimento determinado, em vias de realizar-se por um processo também determinado. Segundo ele, pode-se esperar a chegada do trem de Chartres, pois ele sabe que este saiu da estação de Chartres e que a qualquer momento poderá chegar à estação de Paris.

O trem poderá atrasar-se, contudo o processo continua em andamento, ou seja, está prestes a se realizar. Pode-se também esperar ansiosamente a chegada da magnífica primavera: um fenômeno que se repete a cada ano. Ao contrário, a morte não pode ser prevista, pois ela pertence a um acontecimento totalmente fortuito e imprevisto, portanto, a morte é inesperada. Diz Sartre (1997, p. 656), “minha morte não poderia ser prevista para nenhuma data, nem, conseqüentemente, ser esperada”. A morte não pode ser esperada, isto é, ser antecipada intencionalmente e assumida como parte de um projeto pessoal como pensava Heidegger. Pois, é característica da morte sobrevir antecipadamente ou com atraso à data fixada. Para Sartre (1997, p. 657), “morre-se sempre demasiadamente cedo ou demasiadamente tarde”. Se o indivíduo for convocado para uma guerra poderá considerar próxima a sua morte, isto é, admitir que as chances de morte aumentem consideravelmente, tornando-se uma realidade iminente. Agora, se houver um acordo entre os países em conflito, dirá o filósofo, desse modo, não se pode falar que o minuto que se passa esteja aproximando o homem da morte.

Ao encerrar a concepção de morte no pensamento filosófico sartreano, considera-

---

<sup>6</sup> Sartre distingue a voz reflexiva da não reflexiva do verbo attendre. Traduzimos attendre por esperar e s'attendre à por expectar (estar na expectativa) (SARTRE, 1997, p. 656).

se que ele próprio sintetiza as suas ideias filosóficas sobre a morte, da seguinte forma:

A morte não é de modo algum uma estrutura ontológica do meu ser, pelo menos enquanto este é Para-si; somente o outro é mortal em seu ser. Não há lugar algum para a morte no seu ser Para-si, não pode nem esperá-la, nem realizá-la, nem projetar-se para ela: a morte não é de maneira alguma o fundamento de sua finitude, e de modo geral, não pode nem ser fundada interiormente como projeto da liberdade original, nem ser recebida de fora como uma qualidade pelo para-si. O que é então a morte? Nada mais que certo aspecto da facticidade e do ser-para-os-outros, isto é, nada mais que algo dado. (SARTRE, 1997, p. 658).

No que tange à Morte, Sartre argumenta em toda a sua teoria filosófica que ela é um fenômeno individual, ou seja, ninguém pode experimentá-la no lugar de outra pessoa. Porém, ninguém sabe a hora de sua finitude, esta é uma crítica que o filósofo faz ao cristianismo. Nesta perspectiva, pode-se inferir que cada indivíduo deve esforçar-se para viver autenticamente, para que, quando a morte chegar, ela seja menos absurda e assim não viver na angústia, mas em uma aceitação de que o ser humano é totalmente livre para morrer.

## **5. Considerações finais**

Neste artigo, fez-se uma reflexão filosófica sobre a morte na concepção niilista e conclui-se que estes filósofos contribuíram efetivamente para melhor compreender, aceitar e conviver com a iminente morte. A pesquisa foi apenas um pequeno ensaio sobre a discussão da morte, visto que se entende a morte como a língua materna, aprende a conhecê-la na vivência do cotidiano e na reflexão científica sobre o que os pensadores disseram sobre ela.

A pesquisa contribuiu para repensar e valorizar a própria vida e a do outro, visto que a morte é inerente à vida e indissociável à existência humana. É impossível refletir sobre a vida sem refletir sobre a morte. Logo, é verdade que não se pode compreender inteiramente a vida, enquanto não desvendar a problemática da morte. Metaforicamente dizendo é preciso torna-se amigo da morte, porque ela é um fenômeno natural, assim como o nascer e o envelhecer.

Heidegger abordou a questão da morte como objeto da filosofia, definindo a vida e o homem como um ser para a morte. Ao nascer já se tem a idade suficiente para morrer, nasce para morrer e para mais nada. Após o nascimento, cada dia que se passa, se

aproxima inexoravelmente um pouco mais da realidade da morte. Depois de uma reflexão sobre o ser humano, a filosofia existencialista de vertente niilista chegou à conclusão de que a morte é um retorno absurdamente ao nada.

Para muitas pessoas, a morte é um tabu e gera angústia, porém este não é o caminho, uma vez que ela é inevitável. Então, cada um, na sua individualidade deve refletir sobre o seu morrer para romper com este tabu, angústia e medo da morte. É interessante a reflexão de Sartre sobre a morte, porque ele fala que ela é um fenômeno individual. O homem é condicionalmente livre: quando ele nasce, ele não é nada, e quando morre, ele retorna ao nada absoluto. A morte é a nadificação da vida, morrer significa ter a certeza do retorno ao nada. É uma visão pessimista, pois é uma negação da vida e da própria existência. A morte se torna um fenômeno absurdo, porque ninguém pode escolher não morrer, ou continuar a viver. Assim, todos os projetos devem ser realizados sem frustrações, ainda que se tenha a certeza da morte e da própria finitude.

A morte é limitadora, temporal e angustiante. Porém é ela que impulsiona a lutar pela realização dos projetos de vida. Embora, ela nos separe dos objetos de afeto, nos ensina também a percepção do outro e conseqüentemente de si mesmo. Logo, a morte ensina como se deve viver. Considera-se que só se pode viver intensamente e gozar da vida se tomar consciência de que o homem é finito e mortal, pois ser mortal é condição da própria existência humana. De fato, a morte é a única e verdadeira certeza de que o ser humano possui em sua existência.

## **Referências**

- BAYARD, Jean Pierre. *Sentido oculto dos ritos mortuários: morrer é morrer?* Tradução por Benôni Lemos. São Paulo: Paulus, 1996.
- BOEMER, Magali. Roseira. *O morrer e o morrendo*. Tese (Doutorado em Enfermagem), Programa de Pós Graduação da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto / Universidade de São Paulo - USP, 1985. 211 p.
- BOWKER, John. *Os sentidos da morte*. Trad. I. F. L. Ferreira. São Paulo: Paulus, 1995.
- GOLDBERG, Jacob Pinheiro; D'AMBRÓSIO, Oscar. *A chave da morte*. São Paulo: Maltese, 1992.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Parte II. Petrópolis: Vozes, 1989.
- INWOOD, Michael. *Heidegger*. Tradução por Adail U. Sobral. São Paulo: Loyola, 2004.
- JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de filosofia*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2001.
- KASTENBAUM, Robert; AISEMBERG, Ruth. *Psicologia da morte*. Trad. Adelaide Petters Lessa. São Paulo: Edusp, 1983.
- MORIN, Edgar. *O homem e a morte*. Tradução por João Guerreiro Boto e Adelino dos Santos Rodrigues. São Paulo: Europa América, 1970.

SARTRE, Jean Paul. *El ser y El nada: ensayo de ontología fenomenológica*. Tradução por Juan Valvar. Madri: Alianza Editorial, 1984.

\_\_\_\_\_. *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Tradução por Paulo Perdigão. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

SCIACCA, Michele. Federico. *Como se comprova a existência de Deus e a imortalidade da alma*. São Paulo: Mundo Cultural, 1977.

STEIGER, André. *Compreender a história da vida*. São Paulo: Paulus, 1998.

TERRA, João Evangelista Martins. O mistério da morte. *Cultura Vozes*, Petrópolis. V. 89. Nº. 03 pp. 58-65, 10 março, 1995.

*recebido em: 17/07/2021*

*Aprovado em: 30/09/2021*